

Jacques Derrida

CHE COS'È LA POESIA?

Para responder a uma tal questão – *em duas palavras, não é?* – pede-se que você saiba renunciar ao saber. E que saiba disso sem jamais se esquecer: desmobilize a cultura, mas não se esqueça nunca, em sua douta ignorância, daquilo que você sacrifica no caminho, atravessando a estrada.

Quem ousa perguntar-me isso? Mesmo que não pareça, pois sua lei é desaparecer, a resposta *vê-se ditada*. Eu sou *um* ditado, profere a poesia, decore-me, recopie-me, vele-me e guarde-me, olhe-me, ditada, sob os olhos: trilha sonora, *wake*, traço de luz, fotografia da festa em luto.

A resposta *vê-se ditada* de ser poética. E, por isso, tendo que se dirigir a alguém, singularmente a você, mas como se se dirigisse ao ser perdido no anonimato, entre cidade e natureza, um segredo partilhado, ao mesmo tempo público e privado, *absolutamente* um e outro, absolvido de fora e de dentro, nem um nem outro, o animal que se lança na estrada, absoluto, solitário, enrolado em bola *junto de si*. Ele pode vir a ser esmagado, *justamente*, por isso mesmo, o ouriço, *istricce*.

E se você responde de modo diferente, segundo o caso, considerando-se o espaço e o tempo que lhe são *dados* com essa *solicitação* (lembre-se de que está falando italiano) por ela mesma, segundo *essa* economia, mas também na iminência de alguma travessia *fora de casa*, arriscando-se na língua do outro em vista de uma tradução impossível ou recusada, necessária, mas desejada como uma morte, o que tudo isso, a própria coisa na qual você acabou de delirar-se, teria então a ver com a poesia? Ou melhor, com o *poético*, pois você pretende falar de uma *experiência*, outra palavra para viagem, aqui a caminhada aleatória de um trajeto, a estrofe que dá voltas mas nunca reconduz ao discurso, nem a si, nunca em todo caso se reduz à poesia – escrita, falada ou mesmo cantada.

Eis aí, portanto, sem mais tardar, *em duas palavras*, para que não se esqueça.

1. *A economia da memória*: um poema deve ser breve, elíptico por vocação, qualquer que seja sua extensão objetiva ou aparente. Douto inconsciente da *Verdichtung* e da retração.

2. *O coração*. Não o coração no meio de frases que circulam sem correr riscos pelos cruzamentos e se deixam traduzir em todas as línguas. Não o coração dos arquivos cardiográficos, simplesmente, objeto de conhecimentos ou de técnicas, de filosofias e de discursos bio-ético-jurídicos. Não o coração das Escrituras ou de Pascal, provavelmente, nem mesmo, o que é ainda menos evidente, aquele que Heidegger prefere ver em seu lugar. Não, uma história de “coração”, poeticamente envolta no idioma “aprender de cor”, este da minha língua ou de uma outra, a inglesa (*to learn by heart*), ou ainda de uma outra, a árabe (*hafiza a'n zahri kalb*) – um único trajeto de múltiplas vias.

Dois em um: o segundo axioma enrola-se no primeiro. O poético, diga-se, seria o que você deseja aprender, porém do outro, graças ao outro e sob ditado, de cor: *imparare a memoria*. Não é isso o poema, quando uma garantia é dada, a vinda de um acontecimento, no momento em que

a travessia da estrada chamada tradução torna-se tão improvável quanto um acidente, contudo intensamente sonhada, necessária na medida em que o que ela promete deixa sempre a desejar? Um reconhecimento vai nessa direção e previne aqui o conhecimento: a sua bênção antes do saber.

Fábula que você poderia contar como o dom do poema, uma história emblemática: alguém *lhe* escreve, a você, de você, sobre você. Não, uma marca a você dirigida, deixada, confiada, é acompanhada por uma injunção, é na verdade instituída nessa mesma ordem que, por sua vez, constitui você, estabelecendo sua origem ou dando-lhe lugar: destrua-me, ou melhor, torne meu suporte invisível do lado de fora, no mundo (neste ponto, já aparece o traço de todas as dissociações, a história das transcendências), faça com que a proveniência da marca permaneça de agora em diante inencontrável ou irreconhecível. Prometa-o: que ela se desfigure, transfigure ou indetermine em seu *porto*, e nessa palavra você ouvirá a margem da partida, assim como o referente na direção do qual uma translação se reporta. Coma, beba, engula minha letra, porte-a, transporte-a em você como a lei de uma escritura tornada seu corpo: *a escritura em si*. A astúcia da injunção pode inicialmente deixar-se inspirar pela simples possibilidade da morte, pelo perigo que um veículo traz a todo ser finito. Você ouve a catástrofe vir. Desde então, impresso sobre o próprio traço, vindo do coração, o desejo do mortal despertado em você o movimento (contraditório, está me acompanhando?, dupla restrição, imposição aporética) de proteger do esquecimento esta coisa que ao mesmo tempo se expõe à morte e se protege — em uma palavra, o porte, a retração do ouriço, como na estrada um animal enrolado em bola. Gostaríamos de pegá-lo nas mãos, aprendê-lo e compreendê-lo, guardá-lo para nós, junto de nós.

Você ama — guardar isso em sua forma singular, digamos na insubstituível *literalidade do vocábulo*, se falássemos da poesia e não somente do poético em geral. Mas nosso poema não se acomoda em meio aos nomes, nem mesmo em meio às palavras. Antes de tudo, está jogado pelas estradas e nos campos, coisa para além das línguas, ainda que aconteça de lembrar-se nelas no momento em que se junta, enrolado em bola junto de si, mais ameaçado do que nunca em seu retiro: ao acreditar defender-se é que se perde.

Literalmente: você gostaria de decorar uma forma absolutamente única, um acontecimento cuja intangível singularidade já não separasse a idealidade, o sentido ideal, como se diz, do corpo da letra. Nesse desejo da inseparação absoluta, o não-absoluto absoluto, você respira a origem do poético. Daí a resistência infinita à transferência da letra que o animal, em seu nome, todavia solicita. É a desgraça do ouriço. O que quer a desgraça, o próprio *estresse?* *stricto sensu* alertar. Daí a profecia: traduza-me, vela-me, guarda-me um pouco mais, salve-se, deixemos a estrada.

Assim surge em você o sonho de *decorar*. De deixar-se atravessar o coração pelo ditado. De uma só vez e isso é o impossível, isso é a experiência poemática. Você ainda não conhecia o coração e assim o aprende. Por essa experiência e por essa expressão. Chamo poema aquilo que ensina o coração, que inventa o coração, enfim *aquilo que* a palavra coração parece querer dizer e que na minha língua me parece difícil distinguir da palavra coração. *Coração*, no poema

“aprender de cor” (a ser aprendido de cor), já não denomina apenas a pura interioridade, a espontaneidade independente, a liberdade de atingir-se ativamente reproduzindo o rastro amado. A memória do “de cor” entrega-se como uma oração, é menos arriscado, a uma certa exterioridade do autômato, às leis da mnemotécnica, a essa liturgia que imita superficialmente a mecânica, ao automóvel que surpreende sua paixão e avança sobre você como se viesse do exterior: *auswendig*, “de cor” em alemão.

Logo: o coração lhe bate, nascimento do ritmo, para além das oposições do interior e do exterior, da representação consciente e do arquivo abandonado. Um coração se abate, nos atalhos ou estradas, livre da sua presença, humilde, próximo da terra, bem baixo. Reitera murmurando: nunca repete... Em um só algarismo, o poema (o aprender de cor) sela juntos o sentido e a letra como um ritmo espaçando o tempo.

Para responder em duas palavras, *elipse*, por exemplo, ou *eleição*, *coração* ou *ouriço*, terá sido necessário a você desamparar a memória, desarmar a cultura, saber esquecer o saber, incendiar a biblioteca das poéticas. A unicidade do poema tem essa condição. Você precisa celebrar, deve comemorar a amnésia, a selvageria, até mesmo a burrice do “de cor”: o ouriço. Ele se cega. Enrolado em bola, eriçado de espinhos, vulnerável e perigoso, calculista e inadaptado (pondo-se em bola, sentindo o perigo na estrada, ele expõe-se ao acidente). Não há poema sem acidente, não há poema que não se abra como uma ferida, mas que não abra ferida também. Você chamará poema um encantamento silencioso, a ferida áfona que de você desejo aprender de cor. Ele acontece, então, essencialmente, sem que se tenha que fazê-lo: ele se *deixa* fazer, se deixa levar, sem atividade, sem trabalho, no mais sóbrio *pathos*, estranho a qualquer produção, sobretudo à criação. O poema cai, benção, vinda do outro. Ritmo, porém assimetria. Não há nunca senão poema antes de toda *poiesis*. Quando, ao invés de “poesia”, dissemos “poética”, deveríamos ter especificado: “poemática”. Sobretudo, não permita que se reconduza o ouriço ao circo ou ao carrossel da *poiesis*: nada a se fazer (*poiein*), nem “poesia pura”, nem retórica pura, nem *reine Sprache*, nem “realização-da-verdade”. Apenas uma contaminação tal e tal cruzamento, este acidente. Essa volta, a viravolta *dessa* catástrofe. O dom do poema não cita, não tem nenhum título, não faz mais histrionices, ele sobrevém sem que você espere por isso, tirando o fôlego, cortando com a poesia discursiva e sobretudo literária. Nas próprias cinzas dessa genealogia. Não a fênix, não a águia, o ouriço, muito baixo, bem baixo, próximo da terra. Nem sublime, nem incorpóreo, angélico talvez, temporariamente.

De agora em diante, você chamará poema uma certa paixão da marca singular, da assinatura que repete sua dispersão, a cada vez, além do *logos*, ahumana, dificilmente doméstica, nem mesmo reapropriável na família do sujeito: um animal convertido, enrolado em bola, voltado para o outro e para si, uma coisa em suma, modesta, discreta, próxima da terra, a humildade a que você dá um *sobrenome*, transportando-se com isso ao nome para além do nome, um ouriço catacrético, todas as flechas para fora, quando esse cego sem idade ouve mas não vê a morte vir.

O poema pode enrolar-se em bola, mas ainda assim para virar seus signos agudos para fora. Sem dúvida, ele pode refletir a língua ou dizer a poesia, mas ele nunca se refere a si mesmo, ele nunca se move como essas máquinas portadoras da morte. Seu acontecimento sempre interrompe ou desvia o saber absoluto, o ser junto de si em autotelia. Esse “demônio do coração” nunca se junta, antes se perde (delírio ou mania), expõe-se à sorte ou deixa-se, antes, despedaçar por aquilo que vem sobre ele.

Sem sujeito: talvez haja poema, talvez *se deixe*, mas nunca o escrevo. Nunca assino um poema. O outro assina. O *eu* apenas é em função da vinda desse desejo: aprender de cor. Tenso para resumir-se a seu próprio suporte, portanto sem suporte exterior, sem substância, sem sujeito, absoluto da escritura em si, o “de cor” deixa-se eleger além do corpo, do sexo, da boca e dos olhos, ele apaga as bordas, escapa às mãos, você o ouve com dificuldade, mas ele nos ensina o coração. Filiação, garantia de eleição confiada em herança, ele pode prender-se a qualquer palavra, à coisa, viva ou não, ao nome de ouriço, por exemplo, entre vida e morte, no cair da noite ou de madrugada, apocalipse distraído, próprio e comum, público e secreto.

— Mas o poema do qual você fala, você divaga, nunca foi nomeado assim, nem tão arbitrariamente.

— Você acaba de dizê-lo. Coisa que seria preciso demonstrar. Lembre-se da questão: “O que é...?” (*ti est, was ist..., istoria, episteme, philosophia*). “O que é...?” chora o desaparecimento do poema — uma outra catástrofe. Anunciando o que é tal como é, uma questão saúda o nascimento da prosa.

Tradução: Tatiana Rios e Marcos Siscar.

Nota: Texto publicado em *Points de Suspension*. Paris: Galilée, 1992, pp. 303-308.

[Publicado primeiramente em *Poesia*, I, 11 de novembro de 1988, depois em *Poesia*, 50, outono de 1989, onde foi precedido pela seguinte nota:

“A revista italiana *Poesia*, onde esse texto foi publicado em novembro de 1988 (traduzido por Maurizio Ferraris), inicia cada um de seus números com a tentativa ou o simulacro de uma resposta, em algumas linhas, para a questão *che cos'è la poesia?* Ela é feita a alguém vivo, a resposta à questão *che cos'era la poesia?* estando a cargo de um morto, nesse caso à *Odradek* de Kafka. No momento em que escreve, o vivo ignora a resposta do morto: ela vem no final da revista segundo a escolha dos editores.

Destinada à publicação em italiano, a presente “resposta” expõe-se à passagem, por vezes literalmente, nas letras ou sílabas, a palavra e a coisa ISTRICE (pronunciar ISTRICHE), o que terá resultado em uma correspondência francesa, *herisson*, ouriço.”]

88

[?]